

“Ele acreditava que a Ciência vinha do cérebro e do coração”

Em carta dirigida ao pessoal do Instituto de Pesquisas em Patologias Tropicais de Rondônia (Ipepatro), Rodrigo Stabeli relembra momentos de convivência com o cientista que faleceu no último dia 24 de setembro.

“Aprendemos a sentir em nosso coração, a importância da ciência e tecnologia para o desenvolvimento das regiões do Brasil. Aprendemos quão nobre se tornam os achados científicos quando eles transformam uma região para mais rica. Mais rica de cultura, mais rica de conhecimento, mais rica de melhores professores, mais rica de profissionais da saúde qualificados, mais rica de valores intangíveis e econômicos para a região, mais rica de pessoas com valores pessoais afinados com o ditado ‘é doando que verdadeiramente se recebe’.

Talvez o mais curioso e, ao mesmo tempo interessante, é de se tentar entender como esses valores entraram em nossos corações e creio que cada um de vocês já se pegou pensando sobre isso também. Principalmente os companheiros que, como eu, migraram de outra região do país e do mundo para fazer de Rondônia nossa casa.

Luiz, o tal Prof. Hildebrando

É aí que entra Luiz, o Hildebrando. Luiz nunca nos colocou em uma sala de aula para fazer nossa iniciação nos valores da ciência para o desenvolvimento regional. Luiz trasbordava em seus olhos tais valores. Bastavam cinco minutos de prosa e meio dedo de cachaça com ele, sentado em sua mesa de plástico no terraço de sua humilde, porém calorosa residência, para perceber que Luiz não falava do Ipepatro como uma instituição de CTI como outra qualquer. Ele falava de sua própria vida. Éramos os melhores do mundo. Todos que ainda não conheciam a infraestrutura do Ipepatro, acreditavam que estávamos no melhor lugar do mundo para se fazer ciência. Tínhamos cérebros e músculos para tal.

‘Depois, com a aposentadoria do Instituto Pasteur, resolvi passar mais tempo em Rondônia do que em Paris. Isso se explicava. Em Paris não teria mais nenhum trabalho a desenvolver, nada a fazer. Exceto a família ...’

‘Mas, pensei comigo, se ficasse como aposentado iria, envelhecendo, evoluir para aposentado avô ranzinza.’ [...] ‘Mas há um complemento de resposta que eu não revelo senão aos íntimos do *por que Rondônia*. Na verdade, creio eu, é a razão principal de eu estar aqui. Se fosse apenas uma questão de voltar poderia estar em São Paulo, ou no Rio. Não é isso. A razão não tem nenhum conteúdo saudosista, caritativo ou altruístico. Durante trinta e dois anos vivi com uma comunidade científica internacional, a mais sofisticada. Cruzei e convivi com vários prêmios Nobel. Frequentei um dos melhores institutos do mundo na área biomédica. Laboratórios os mais modernos. Conferências diárias dos melhores especialistas mundiais. Tudo a minha disposição. Aprendi e atualize-me nessa Ciência, parte por esforço próprio, na maior parte por orelhada e por osmose. No Instituto Pasteur, para aprender, não se tem nada mais a fazer do que manter as orelhas atentas. E agora? Aposentado? Toda essa Ciência que degluti e absorvi durante anos serve a alguma coisa? Note-se bem a pergunta: o conhecimento, o saber, servem a alguma coisa, dissociados dos instrumentos que o acompanharam? De todos os equipamentos, aparelhos, máquinas, reativos e reagentes que abundam no Instituto em que vivi e com quem trabalhei? E sem eles? Valho alguma coisa? Entre os dois componentes básicos da ação do cientista: o cérebro de um lado, que absorve a informação e elabora hipóteses e soluções, e os músculos, de outro que executam com suas extensões (equipamentos, instrumentos, drogas reagentes e o resto da parafernália). O que é mais importante? O que podem um sem o outro? Que os músculos sem cérebro possam fazer grande coisa é questão que se afasta de imediato. Mas pode o cérebro fazer algo sem os músculos? Ou dito melhor, sem os utensílios habituais? Um matemático sem lápis e papel no deserto Saara? Um biólogo molecular sem aparelhos na selva amazônica? Eis o desafio. Eis o que excitou minhas meninges. E formulei, de saída, uma hipótese afirmativa. Melhor seria dizer, de entrada. Ao decidir vir para Rondônia, minha hipótese era de que o cérebro pode, mesmo quando perde músculos, inventar e criar novas parafernalias.’*

Luiz levava a imagem de nossa instituição para todo o planeta dessa forma, porque ele vivia e sentia a importância da instituição para a nossa região. Nesse mesmo livro, Luiz, o Prof. Hildebrando, sabia que estava ciente que não resolveria os problemas mundiais. No início, resolveria o problema de Portochuelo, uma comunidade de 40 habitantes. Mas sabia que a forma de intervenção, não apenas pela ciência, mas também pelo afeto ao próximo, ensinando ao próximo a dividir, se ajudar e a trabalhar, era o caminho para transformação. Aí sim se criássemos 40 mil Portochuelos começaria a surtir algum efeito. Luiz, buscou através do cérebro novos músculos. O que Luiz, o

Prof. Hildebrando descobriu de verdade é que as células desse cérebro específico também podiam se dividir! Será que isso procede ou é mais um ato de viagem saudosa que faço adicionando um cálice de um bom Calvados em meio ao texto?

E, o que realmente temos no Ipepatro, hoje Fiocruz Rondônia, Cepem, Unir Saúde e Polo Tecnológico que alberga todas as instituições colaboradoras dessa missão? A resposta é tão clara quanto os céus de Rondônia: PESSOAS. Temos pessoas. Temos eu e você. Era em mim, em você que Luiz, o Prof Hildebrando acreditava. Não sei se a resposta era clara para o mestre no início. Mas, ele acreditou na melhor infraestrutura possível. Nas pessoas engajadas em mudar um paradigma regional. O que adiantariam os músculos, os aparelhos, drogas e reagentes no meio da selva amazônica se não tivesse o artista cientista artesão que transformasse o meio?

Luiz, o Prof. Hildebrando acreditava no poder de transformação que as pessoas podem fazer em todas as dimensões. Seja num paper publicado ou, na mais simples das funções. Acreditava no trabalho bem feito. Acreditava que o trabalho profissional vem do coração. Esse é o grande legado que fica do Luiz, o Prof Hildebrando para mim.

Para todos nós que conhecemos e bebemos da fonte do mestre, sabemos que Luiz daria como missão cumprida em Rondônia apenas quando ele mesmo tivesse a certeza de que todos nós estivéssemos preparados. Preparados para deixá-lo vivo em seu legado. Talvez hoje, neste diálogo franco com todos vocês, esteja eu, tendo o mesmo sentimento que Luiz, o Prof. Hildebrando, tivera nas decisões a tomar ou nos caminhos a escolher: “Quem entendia de índio era meu amigo Darcy Ribeiro. Podia bem ter perguntado, mas ele já se foi. Curioso como os amigos que já se foram nos fazem tanta falta. Quando estavam vivos pouco pensávamos neles. Agora, a cada questão sobre a qual necessito um conselho, uma opinião ou mesmo um mero palpite, penso num amigo que já se foi: Ele seria certamente capaz de me dar uma resposta.”*

No último mês de abril, no mesmo sofá que me encontro agora, Hildebrando me contava que estava muito feliz em saber que o pessoal de Rondônia estava consolidado e estável e que ele queria voltar a pensar em plantar rosas em seu jardim na França. Dizia que queria plantar rosas, porque rosas lembrariam Cécile, sua esposa, que o estava deixando aos poucos por causa de um câncer, e de um dos primeiros desafios que havia sofrido em Rondônia, que foi o de tentar cultivar boas rosas em seu jardim. ‘Rosas em meio a tanta beleza natural que as florezinhas da biodiversidade da Amazônia podem me dar. Sou mesmo idealista comunista’, disse-me ele. Foi uma das primeiras vezes que não falamos de ciência em nossa roda de cachaça. Falamos da vida. O que realmente Luiz, agora o Luiz, falava nesse encontro, era mesmo de seus dois grandes amores - Cécile e Rondônia. Nesse mesmo dia, pude perceber que Luiz estava com a sensação da vida vivida, da missão cumprida. De tornar a ciência capaz de transformar o meio: ‘A luta contra a transformação da Ciência em atividade virtual que impeça que se torne para o comum dos mortais algo a contemplar nas transmissões de televisão das maravilhas que se passam *lá fora*, mas nunca aqui *onde se vive*. É com essa luta que me identifico. [...] É por isso que voltei. Melhor dizer, é por isso que penso que voltei.’*

A dúvida mencionada acima não existia mais nos dias atuais para Luiz, o Prof. Hildebrando e para Luiz, o Luiz, que sempre escreveu Ciência com letra C maiúscula em todos os seus manuscritos.

Agora que para mim a velhice também se anuncia, retorno ao ponto de partida. Portanto, às vezes eu me pergunto: não seria tudo isso apenas uma longa viagem de volta?*

* (Citações do livro *Crônicas subversivas de um cientista*. Obra completa. 2012. Vieira e Lent Casa Editorial Ltda.)”

Rodrigo Stabeli é vice-presidente de Pesquisa e Laboratórios de Referência da Fiocruz. Reproduzimos os trechos principais da carta.